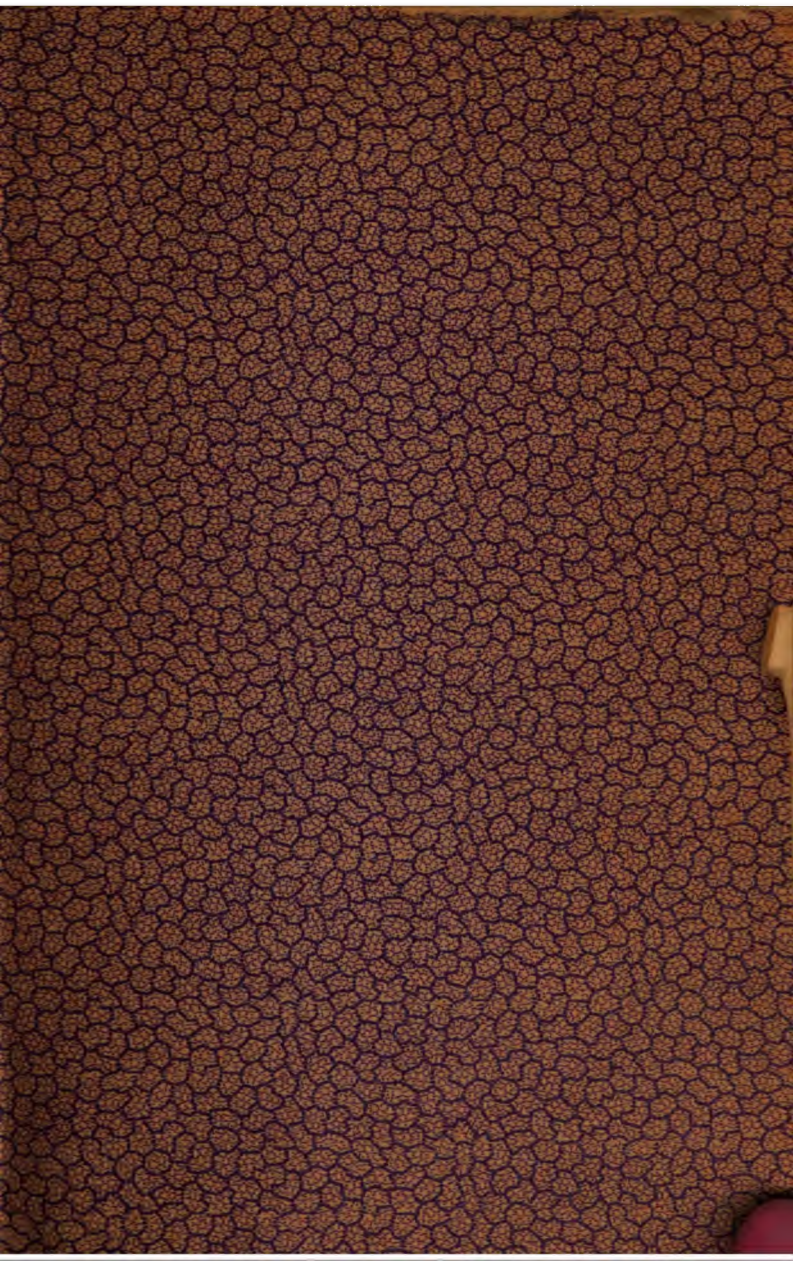


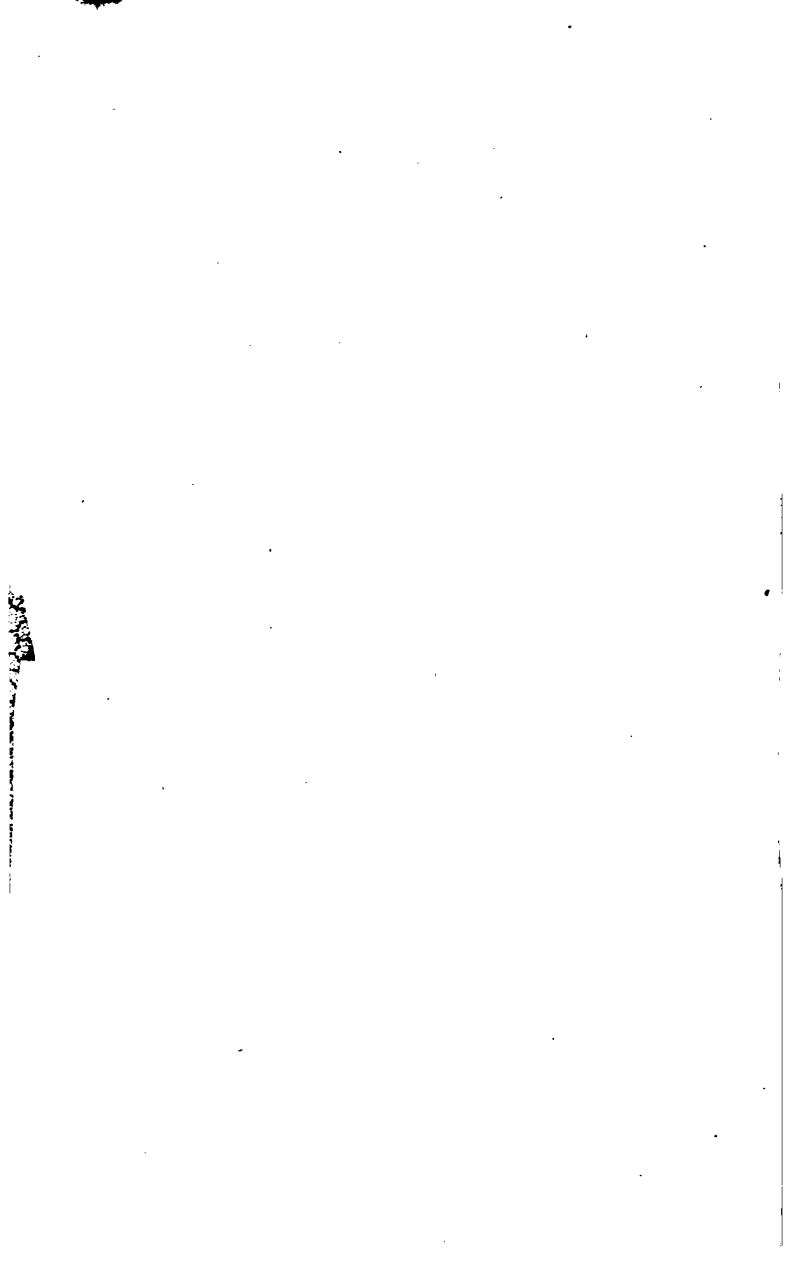
UC-NRLF



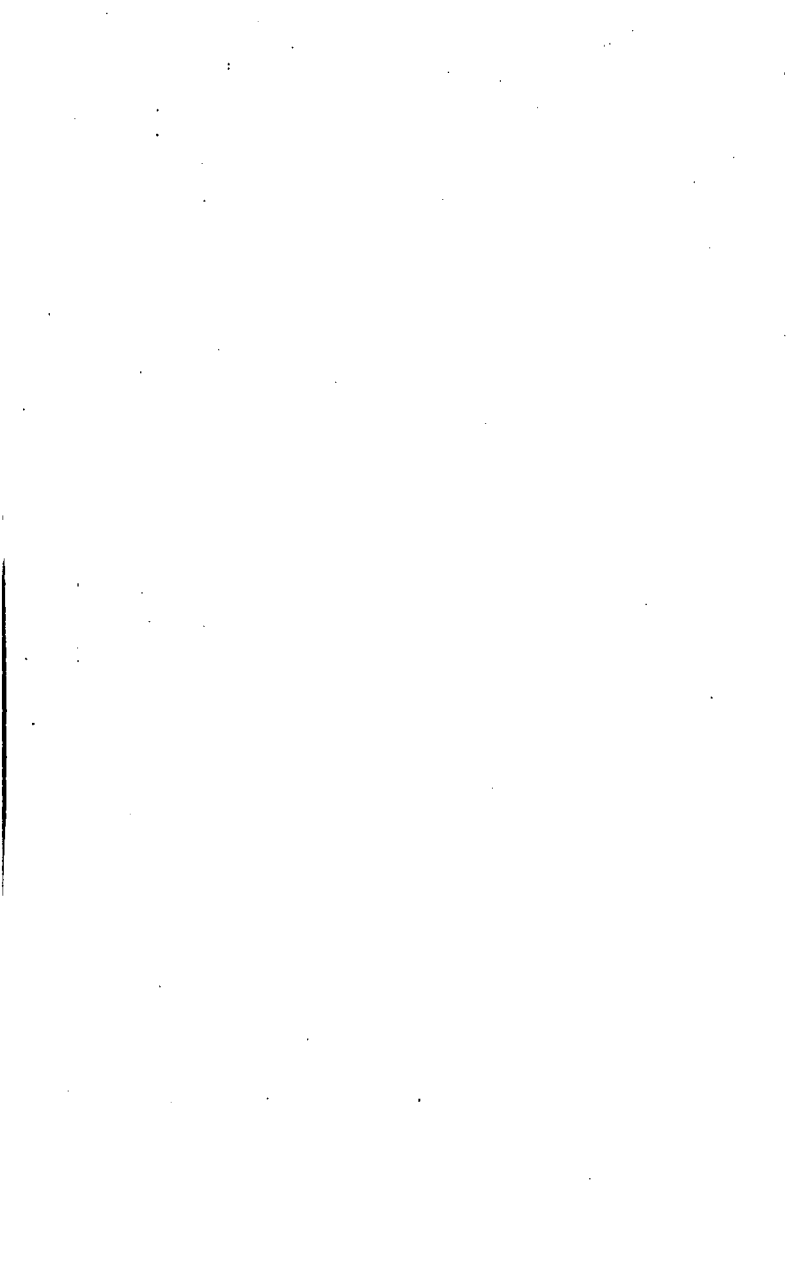
\$B 318 104











RIMAS

*TIRAGEM ESPECIAL*

12 exemplares numerados em papel Whatman



JOÃO PENHA  
II

---

# RIMAS

VINHO E FEL  
VIOLÃO NOCTURNO E SONOERE  
LYRA DE PANGLOSS



LISBOA

18, Rua Oriental do Passeio

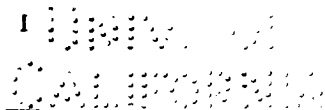
1882

70 1111  
Abadete *Direitos-reservados*

VINHO E FEL

765513

PRESERVATION  
COPY ADDED  
MF 8/91



Um rosto encantador, quasi moreno,  
De uns grandes olhos verdes animado;  
Negro o cabelo, em tranças ennastrado;  
Correcto o supercilio, iris sereno;

Vermelho o labio, sorridente e ameno;  
Breve a cintura; o collo, assetinado;  
Um donaire, das outras invejado;  
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anhélo!  
Rival das graças do cinzel iónio,  
Mas fria como a neve: o meu flagello!

Eis a minha Natércia, o cruel demonio  
Por quem vivo perdido, mas tão bello  
Que nem lhe resistira Santo Antonio!

Do livro  
Alegria do

---

II

---

«Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,  
Escravo das razões da theologia,  
Eternamente escutas a harmonia  
Dos orbes, no infinito vagabundos;

«Se nos vês n'este globo adorabundos,  
Escuta a voz do amor e da poesia:  
Dá-me um sol de esmeralda, e em troca, um dia,  
Eu juro dar-te, em vez de um só, dois mundos;

«Que seja o mais formoso e resplendente  
Da vastidão cerúlea; exige-o aquella  
Que, mais que a ti, adóro, irreverente!»

—«*Fiat!*—(em bom latim, mirando a bella,  
Me disse absorto o Padre Omnipotente)—  
Se me dás em penhor... os olhos d'ella.»

---



## III



Quando ha pouco, entre sarças escondido,  
Te vi sair das aguas murmurantes,  
Pósta as mãos nas pômas palpitantes,  
Sólto ao vento o cabelo humedecido;

E jocunda, teu corpo enlanguecido  
Reclinaste nas relvas ondeantes,  
Dando-me assim aos olhos coruscante  
Uma estatua de marmore polido;

Não tive, como a santa Bíblia conta,  
As idéas dos lúbricos juizes  
Vendo a nua Suzanna, que se affronta.

Desejei-me nos barbaros paizes  
Dos cannibaes, e tive a idéa tonta  
Do selvagem voraz; não te horrorises!

---

## IV



Mal póde phantasiar-te a mente accesa  
Tão gentil como quando, venturoso,  
Te vi a vez primeira, ébrio de gôso,  
Extatico de pasmo e de surpresa.

Que prodigio de esplendida belleza!  
Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!  
Que opulento cabelo... um mar undoso  
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada n'um banco de verdura,  
Junto á margem do múrmuro Mondêgo,  
De um Correggio vencêras a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e socêgo:  
Se estavas tão graciosa em tal postura,  
E comias um paio de Lamêgo!

---

V

---

És minha, és minha, oh venturoso fado!  
Cedeste á chamma que em meu peito alento!  
Chegou por fim o divinal momento,  
O dia de meus sonhos anhelado!

O ceu, ha pouco tôrvo, eil-o azulado;  
Sussurra esmorecido ao longe o vento;  
Esplende o sol no ethereo firmamento;  
Recende arômas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)  
Te disse o meu amor, em doce esmaio  
Senti voluptias de um prazer infindo.

Oh camênas agricolas, cantai-o!  
Ella, a minha formosa, ella, fûgindo  
Deixou-me o coração, deixou-me o paio!

---

## VI



Oh ventura perdida, mal sonhada!  
Quem dissera que tudo acabaria,  
Como este meu charuto, em cinza fria,  
Em fumo que se esvae no obscuro nada!

Deixaste-me, julgando-te adorada  
Pelo moço de estranha galhardia,  
Que no aspecto e nos gestos reflectia  
O Manfrêdo sombrio da ballada.

Abalroando ao penetrar na barra,  
Senti do ciume a lacerante púa:  
Quiz ir-te em cima, erguida a cimitarra.

Mas foi-se-me depressa a idéa crua,  
Graças a um vinho de hespanhola parra,  
E á mudança benéfica da lua.

---



## VII

—

Hontem; de noite, já depois que a lua  
No occidente occultára a face mésta,  
No teu jardim, por ignorada fresta,  
Nos braços te vi de outro, semi-nua!

Eras, pois, d'essas miseradas da rua,  
Eras mais vil, mulher,—mais deshonestal  
E não morri d'aquella dôr funesta...  
Tu mal dizias: «... meu amor, sou tua!»

Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!  
Oh minhas pobres illusões venustas,  
Que me resta de vós? que é feito d'ellas?

Mas,— para que chorar? Gentis, robustas,  
São d'uma estatua as fórmãs que revelas...  
Dize: és tu mesma que o negocio ajustas?

---

## VIII

—

Perdi toda a esperança de no mundo  
Possuir-te um dia em venturoso laço,  
Que só vejo ante mim, a cada passo,  
Um abysmo maior e mais profundo.

Um destino fatal, e sem segundo,  
A fronte me ha curvado a um jugo de aço,  
E o Deus, que habita no luzente espaço,  
Não me escuta nas sombras gemebundo!

Que dôr inexoravel, que amargura!  
Perder-te, quando a mão já me estendas,  
De luz enchendo a minha noite escura!

Que me resta? uma vida de agonias:  
Até á desejada sepultura  
A crápula aviltante das orgias.

---

IX

---

Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas  
Para afogar em vinho idéas méstas,  
Mortíferas idéas; tão funestas  
Que brancas trago as ondeantes cômas!

E o mundo a trasbordar de infindos brômas,  
Cuja dita nas panças manifestas  
Claramente se vê, como nas festas  
Se vê na camponeza o vulto ás pômas.

Qual novo Jeremias, n'um rochêdo  
Tristezas vou cantar e desventuras,  
A mim mesmo causando horror e mêdo!

Beber, com esta dôr, só lymphas puras!  
Cavai-me a cova, amigos: morro cêdo:  
Não resisto da morte ás garras duras.

---

X

---

N'esta vida fatal, ai de quem pensa  
Encontrar na mulher pudor e brio,  
Que bem depressa o desengano frio  
Lhe desfará as illusões e a crença!

Mulher, vai teu caminho: na licença  
Ceva do corpo ardente o desvario;  
Nem repares no meu viver sombrio,  
Nem te chores da minha dôr intensa.

Que um dia, quando a sórdida impureza,  
Que o viço cresta, e o rir no labio apouca,  
Te consumir a esplendida beleza,

E pedires, com voz sumida e rouca,  
A triste esmola da fatal pobreza,  
Então me chorarás, cabeça louca!

---



XI

---

Que seria de mim, n'esta anciedade,  
Sem a taça que os animos alenta,  
Que nos transporta em dias de tormenta  
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que, sem piedade,  
Por mim fingira uma paixão violenta,  
Ri-se agora do amor que me atormenta,  
Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othello,  
Ou no Sire feroz que a trova canta,  
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo;

Mas, em lugar de sangue e furia tanta,  
Derramemos n'esta alma o licôr bello,  
Que do pámpano bróta e a vida encanta.

---

•

XII  

---

Não chores mais, honesta Messalina,  
Esquece um tempo, de illusões repleto;  
Aquelle sonho de immortal affecto  
Era imagem na lympha crystalina.

Espera-te uma vida peregrina:  
Se o dia é triste, mudará de aspecto.  
O meu amor, o amor do teu dilecto  
Vale acaso essa lagryma divina?

Nem mais olhes o triste. Nas orgias,  
Como nos antros de profundo mar,  
Irei gastando os merencorios dias.

E eis o destino de quem sabe amar!  
Mas a ti que choravas. . . e mentias,  
Esperam-te os lençoes do lupanar.

---

## XIII



Nunca do amor a resplendente chamma  
Te fulgurou na lúcida pupilla:  
No meu romance, plácida e tranquilla,  
Nunca foste mulher, porque eras dama.

Da vingança pensei no tórvo drama,  
E nas ancias vivi de quem vacilla.  
Vi-te feita de barro: eras d'argilla,  
Fragil estatua em pedestal de lama.

E caminhei nas sombras da saudade,  
Immerso n'esta dôr, que me devora  
As rozas da perdida mocidade:

E a caminhar no escuro e sem aurora  
Aos páramos cheguei da soledade...  
Triste d'aquelle que nas trevas chora!

---

## XIV

—

Não me provoques mais. Esta brandura  
Encobre de um jaguar a furia horrenda:  
Vai ler do Mouro a pavorosa lenda,  
O mésto quadro da vingança escura.

Tu és como essas miseras impura  
Que o vicio expõe no lupanar á venda!  
Nem mais te quero vêr na triste senda,  
Que te leva aos abysmos da loucura.

Perdi-te. Mas a flôr que no occidente  
Viu moribundo o sol, ergue a corolla  
Aos orvalhos da aurora resurgente :

Sigo os preceitos da moderna escola :  
—Não ha dôr que resista a um vinho ardente,  
Nem ao facil amor de uma hespanhola.

---



XV

---

Eis-me livre, qual ave nos espaços!  
Quebrei os élos da fatal cadeia!  
Da velha taça, de amarguras cheia,  
Restam sómente os humidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços,  
Do contínuo pensar na mesma idéa,  
E a morte, que na orgia entre nós ceia,  
Já me estendia os carcomidos braços.

Andava como a trémula andorinha  
Em tórno de maléfica serpente,  
E nem vergonha das injurias tinha!

Mas do resgate a aurora resplendente  
Raiou emfim! Adeus, senhora minha:  
Surge da lama o trovador plangente.

---

## XVI

Foi-se o pallido inverno. O torvelinho  
Para longe arrastou a nevoa fria.  
Canta no bosque a alegre cotovia,  
Exhala o arôma o verde rosmaninho.

A veia d'agua, em doce murmurinho,  
Das longas hervas a aridez sacia;  
E das brizas a ténue melodia  
Ao longe corre no sarçal maninho.

Eil-o, da primavera o sol radiante!  
Só para mim sem luz! Tufão violento  
Lançou por terra o plátano gigante.

Oh! quanto invejo o estético jumento  
Que além chora no prado verdejante:  
Aos céus erguera o fúnebre lamento!

---

## XVII

—

Hontem, no baile, por fatal desgraça,  
Não foi de vinho que fiquei repleto;  
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,  
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me, como o raio quando passa  
Fere no monte o solitario abeto:  
Agora vivo d'esse amor secreto:  
Eil-a quebrada a generosa taça!

Foi-se o tempo das sórdidas orgias:  
Unido á bella, em marital socêgo  
Vão dentro em pouco deslisar meus dias.

Seja a torrente um plácido Mondêgo;  
A minha taça—um copo d'aguas frias,  
O meu bello—o presunto de Lamêgo!

---

XVIII  

---

Não te parece esta existencia clara,  
E deploras que o vate da tristeza  
Abandone, com tanta ligeireza,  
Quanta mulher gentil ancioso amára.

Mais frio que Blondin sobre o Niagára,  
Julgas minh'alma em vis paixões accessa;  
E comtudo nas ostras da belleza  
Eu só procuro o amor, pérola rara.

Seja a mulher, como um reptil, hedionda,  
O typo ideal da estupidez suprema,  
Um monstro informe, que da luz se esconda;

Ou seja a Venus do marmóreo poema,  
Um modelo de artistas, a Gioconda;  
Ser, ou não ser amado, eis o problema.

---



## XIX

Feliz canario! os beijos que a vizinha  
Te consente nos puros labios d'ella,  
São traça feminil de que usa a bella  
Para augmentar esta desgraça minha.

Mas em vão. Morta a fé que me sostinha,  
Vou recolher-me á paz de obscura cella:  
Que saudades terei d'essa janella,  
D'onde ella outr'ora namorar-me vinha!

Tecei-me, oh bardos tristes, o epicédio!  
Cantae na lyra o vate merencorio,  
Que ao mundo foge, por fugir ao tédio!

Cantae-me a vida, e o sonho transitorio!  
Cantae, em quanto á dôr busco remedio  
Nos vastos caldeirões do refeitório.

---

## XX



De um monge na cogúla disfarçado,  
Ousei ouvir a confissão de Roza.  
Tu, Senhor, que a fizeste tão formosa,  
Desculpa-me o sacrilego peccado.

O segredo lhe ouvi de que era amado,  
De que em mim punha o seu porvir, ditosa.  
E tremia-lhe a fala, suspirosa,  
E arquejava-lhe o seio immaculado.

«Filha, eu lhe disse, o teu amor é santo:  
« Tu já lh'o declaraste alguma vez? »  
—«Á hora em que, ao sol pôsto, ao piano canto.»

—«E como o adoras? como a Deus talvez?  
—«Oh! seria peccar;—mas quasi tanto  
Como adoro o meu lânguido maltez.»

---

## XXI

—

Aquella Roza branca, a flôr mais viva  
Dos jardins olorosos de Granada,  
Já não parece a flôr enamorada,  
Triste por viver só, viver captiva.

Outr'ora, em seu mirante, pensativa,  
Muitas vezes a luz da madrugada  
A via entre boninas, enlevada  
Nos sons d'uma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,  
A Elleonora das canções do Tasso,  
A Nathercia gentil do cantor luso,

Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,  
A cítaras prefere a roca e o fuso,  
Aos meus cantos—presuntos de Melgaço!

---

## XXII

—

Sob o influxo da negra phantasia,  
E do ciume fatal que me atormenta,  
FuriOSO insulto, com paixão violenta,  
A musa, que nas sombras me alumia.

E és tu, n'esta idade sem poesia,  
O lyrio, que em minh'alma se alimenta!  
Eu, porém, sou qual fera truculenta,  
Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria!

Não quero o teu perdão, que o não mereço;  
Ai! seja o teu desprezo o meu castigo,  
E morra d'este mal de que padeço.

Mas ao menos no funebre jazigo,  
Dá-me, em desconto do meu fado avêso,  
Que eu fique em marmore a dormir contigo.

---



## XXIII

—

A doce paz tranquilla e a segurança,  
Em que eu levava a alegre mocidade,  
Foram nuvens n'um ceu de tempestade,  
Que d'ellas ninguem sabe ou tem lembrança.

Pobre de quem na vida se abalança  
A amar com fé, e alma, e lealdade!  
Em denso véu de triste escuridade  
Verá perdida a límpida bonança!

Oh! que nem tenha um coração amigo,  
Que me alente no páramo terrestre,  
E me acompanhe ao funebre jazigo!

Dá-me esse onágro de vigor silvestre,  
E os ôdres pandos, oh Sileno antigo:  
Ensina-me na dôr: só tu és mestre!

---

## XXIV

Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:  
Vibra o ferro, mulher, e sem piedade!  
Que n'esta procellosa escuridade  
Mais vale a morte que esta vida aziaga!

Talvez além, na duvidosa plaga,  
Me deslumbre da tua falsidade,  
E absôrto na divina claridade,  
Mal da terra conserve a imagem vaga.

Serei feliz talvez, serei ditoso:

Nem quero que me chores dolorida,  
Que ao nada vou, se é falso o eterno gôso.

Eis-me a teus pés: ao mísero trucida;

E qual sabes ferir um pôrco ancioso,  
Arranca-me d'um golpe a luz e a vida!

---

## XXV



O phantasma da minha desventura  
Eil-o em fumo subtil e fluctuante:  
Fui contemplar-te um derradeiro instante,  
E foram-se-me as sombras da loucura,

Semelhavas a estatua da amargura,  
E no marmore liso do semblante,  
Em quadro tumultuoso e cambiante,  
A cólera passava e a dôr escura.

De magua e de soberba estranho enlace!  
Nem ha phidias que o talhe no granito,  
Nem ha pintor que n'um desenho o trace.

Mulher divina! eis-me a teus pés contrito:  
A injuria atroz, que te cuspi na face,  
Era o lamento de um José do Egypto!

---

## XXVI

Não chores. Essa mórbida tristeza,  
Que te enlanguece as fôrmas voluptuosas,  
Vae do teu rosto emmurhecendo as rozas,  
Maravilha d'amor e de belleza.

Não te imagines porventura prêsa  
Do vampiro das lendas sanguinosas:  
Vi-me no mar das ondas amorosas,  
Transformei-me no doge de Veneza.

Chore-se antes o tempo em vão perdido,  
Como nuvem fugaz em ceu nublado,  
Na voragem fatal do eterno olvido!

Adão, por Deus expulso e condemnado,  
Colheu de novo o fructo prohibido,  
E pôz-se a rir do ceu... e do peccado!

---



## XXVII

Ia o sol desmaiando no occidente,  
E disseste-me então:— Ah! doce amante,  
Ditosa eu fôra se inspirasse um Dante:  
Em seus cantos vivêra eternamente!—

Fez-se em minh'alma a luz. Um poema ingente,  
Inspirado encetei desde esse instante.  
—Aqui o tens, oh musa; em tom vibrante  
N'elle célebro o nosso amor ardente.—

E mais lhe disse o trovador:— No Pindo,  
E na fonte ao deus loiro consagrada,  
Estes versos compuz de amor infindo...—

E ella, com voz fagueira e namorada:  
— Oh! como és bom, e que poema lindo:  
— Excede a *Joven Lilia* abandonada!—

---

## XXVIII

Não me illudem, mulher, o fingimento,  
E os enganos da lúbrica impustura :.  
Correu-se um veu na cérula planura,  
E nem vejo o esplendor do firmamento.

Que triste o meu destino! Amarulento,  
Como o Rei Lear nas sombras da loucura,  
Irei chorando a minha sorte escura,  
Sólto o cabelo aos ímpetos do vento!

Mas primeiro ha de ouvir-se no infinito,  
Como a lúgubre nota de um solfejo,  
Um ai supremo, um derradeiro grito:

Vibre a theorba o doloroso arpejo!  
E eterno fique o nosso poema escripto . . .  
Nas carnes d'um presunto do Alemtejo.

---

## XXIX

—

Que formosura esplendida! O propheta  
Dera-te ingresso na superna estancia,  
Que nem o loiro Bull, pai da elegancia,  
Tem filha mais ideal, e mais completa.

Se te visse um Tenorio, á vida abjecta  
Pozera um termo, e á sordida inconstancia,  
Que de ti nasce o amor, como a fragrancia  
Nasce da flôr que a brisa affaga inquieta.

E comtudo és da raça das Megéras:  
Inda ha pouco fingias os desmaios,  
As doces falas das paixões sinceras;

Mas,—eram de uma Circe os crús ensaios:  
Transformar-me n'um cérdo, eis o que esperas,  
Que o teu capricho é devorar-me... em paios!

---

## XXX

Mulher, vejo-te nua, embora escondas,  
Sob as tintas da candida tristeza,  
As máculas da sordida impureza,  
A lepra vil das saturnaes hediondas.

E comtudo, enganando-me, inda sondas  
O mar largo da minha singeleza:  
Suppões-me, como o doge de Veneza,  
Esposo facil de corruptas ondas!

Não chores a meus pés esmorecida:  
Lá mais tarde, nos palcos da cidade,  
Farás de Magdalena arrependida.

No vicio póde haver honestidade:  
Deixa-me em paz nas sombras d'esta vida,  
Não me affrontes na minha soledade.

---



## XXXI

Mais um anno que finda! E nem ao menos  
Vi acclarar-se a negridão sombria,  
Que de ha tanto me encobre a luz do dia,  
O claro azul dos páramos serenos!

N'uma caverna os magoados thrênos  
Irei soltar á bronca penedia,  
E, solitario, em permanente orgia,  
Sedento beberei lethaes venenos.

Vou ser o novo Hilario, o cenobita  
Que na Thebaida os membros nús flagella,  
Se á tentação da carne o Mal o excita;

Que só quero, bem longe da procella,  
Por cilícios, os braços de Pepita;  
Por livro d'orações—os labios d'ella!

---

## XXXII

—

És da raça dos Borgias. O amavio,  
Que me déste a beber com mão tranquilla,  
Era o pus que das almas aniquila,  
Como um vento de morte, a flôr do estio.

Julgára ver os céus no azul sombrio,  
No iris desleal d'uma pupilla:  
A virgem era um átomo de argilla  
E a epopeia do amor um poema impío!

Mas, a victima, oh vil mulher aziaga,  
Ha de fugir-te, qual na Lybia adusta  
Foge a visão fallaz na extensa plaga.

Lança os filtros do mal, pobre Locusta!  
Vês aquella hespanhola? eis a triaga,  
O meu remedio, que a tomar não custa.

---

## XXXIII

Partiu! E nem sequer uma lembrança  
Me quiz deixar no camarim ditoso,  
Onde, no enlevo d'um amor furioso,  
Nós nos jurámos uma eterna alliança!

Pobre de quem na vida se abalança  
A crêr nas illusões d'um falso gôzo!  
Dos abysmos d'um mar tempestuoso  
Aos céus debalde implorará bonança!

Partiu! E d'esta sala, onde oiço o canto  
Do plangente violino de Cremona,  
Tudo essa indigna me levou sem pranto!

Sómente no damasco da poltrôna  
O romance esqueceu, que amava tanto:  
*A Vida da formosa Magalona!*

---

## XXXIV

—

Da primavera a luz vivificante  
Por toda a parte resplandece e brilha:  
Abre a anémoma o calix, e á baunilha  
Ajunta o aroma o látyro fragrante.

Canta o melro no bosque murmurante;  
Procura o toiro a placida novilha;  
E na grosseira flauta, em que dedilha,  
Tange o campino o festival descante.

Mas o triste que lucha nas tormentas,  
Se abril o prado esmalta, mais deplora  
As illusões da vida amarulentas...

Serei ditoso ainda? Esplenda a aurora:  
Não cri no amor das salas opulentas,  
Vou nas cozinhas procural-o agora.

---



# VIOLÃO NOCTURNO



I

## RECORDAÇÕES

---

A Gonçalves Crespo

---

Quem póde as scenas esquecer, os dramas  
Em que vencemos orgulhosas damas,  
Sem lança, escudo e arnez!  
Quem não sabe de cór as longas fallas,  
Que nas alcovas, nos jardins, nas salas,  
Dissemos tanta vez!

Decoradas com arte, e linha a linha,  
No velho *Carlos Magno*, o que lá tinha  
Seu classico sabor,  
A fama lhes devemos de Almavivas,  
E as primeiras victorias fugitivas:  
As primicias do amor.

Quantas vezes, da pallida Clarisse,  
—Para que o tempo mais veloz fugisse  
No frondoso pomar,—  
Não amámos a perfida lacaia,  
Trocando a margarita de Cambaia  
Por um fructo vulgar!

Quantas vezes, já finda a noite escura,  
Não recebemos, por final doçura,  
Entre mimos gentis,  
Obra nocturna de subtil destreza,  
Um chinelas de feição chinesa,  
Bordadas a matiz!

Quantas vezes, em plena serenata,  
Vibrando á porta d'uma Helena ingrata  
O choroso violão,  
Não recebemos na abrasada frente,  
Como affago d'um pé de masthodontes,  
Um vaso do Japão!

---

Quantas vezes, subindo a corda ondeante,  
Que nos levava de um jardim fragrante  
A um templo feminino,  
Em vez do brando rosto da Julieta,  
Não beijámos a longa barba preta  
D'um phantasma viril!

Doces noites de amor! quando a velhice  
Prostrou no campo da amorosa lice  
Um campeador audaz,  
Se na mente surgis do Lovelace,  
Inda lhe assóma no pallor da face  
Uma aurora fugaz!

---

## II

RIVAES

---

A Candido de Figueiredo

---

Eu tenho duas amantes,  
Duas bellas margaritas:  
Duas estrophes brilhantes,  
Por um deus na terra escriptas.

Uma é loira, timorata,  
E tão nebulosa e mésta  
Como as Noivas da ballata,  
Resurgentes na floresta.

---

Tem no labio um riso brando,  
Nos olhos um céu tranqüillo,  
E vê-se-lhe o corpo, olhando  
A deusa eterna de Milo.

Por um só ramo de flores,  
Deu-me em tróca o amor das valsas,  
Mas do lago dos amores  
Já me vou nas ondas falsas.

A outra, alegre e ruidosa,  
Não como Elvira, a flor branca,  
Dobrara a paixão vaidosa  
De Felix de Salamanca.

Ninguém, se a vir, que não peque!  
Ninguém, se a vir, que não sinta,  
Por beijar-lhe a mão e o leque,  
Uma volupia faminta!

Por um só ramo de flores,  
Deu-me as honras de seu pagem;  
Mas no lago dos amores  
Ja vou perto da voragem!

Eu tenho duas amantes,  
Duas bellas margaritas:  
Duas estrophes brilhantes,  
Por um deus na terra escriptas.

---



## III

## CONCHITA

---

A minha primavera,  
Que esbelta rapariga!  
Sonhou-a a musa antiga  
Na deusa de Cythéra.

Tão linda e tão sincera!  
Ninguém, se a vir, que diga  
Amor uma fadiga,  
A vida uma chiméra!

Tem sangue de hespanhola  
N'um corpo de Julieta,  
E deu-se por esmola

Ao poeta anachoreta,  
Ao som da castanhola,  
Ao som da pandeireta!

---

## IV.

## A CAMENA

---

A Guerra Junqueiro

---

Oh poetas d'agua fria!  
Dizei-me: a vossa musa  
Será como a andaluza  
Que as noites me abrevia?

Olhae-a: que poesia!  
Na dórna da Arethusia  
Lá enche agora a infusa  
De classica ambrosia,

È aos labios de cereja  
Eleva, airosa e rindo,  
O copo de cerveja!

Oh quadro novo e lindo!  
Musas, chora e de inveja,  
Musas, descei do Pindo!

---

V

## RIMANCE

—  
A E. A. Vidal  
—

Vede-lhe a cõma opulenta  
No desalinho gentil!  
A briza fresca d'abril  
Destrançou-a turbulenta.

É negra, da cõr do abysmo;  
Em ondas parece o mar:  
A nada a posso igualar  
Por mais que procuro e scismo.

Quando a viu, o rei Fulano  
Disse ao pagem que o seguia:  
«Pelas tranças de Maria  
Dava estas botas de cano!»

Olhae agora a madeixa  
Como se enrosca na espádua!  
O proprio Antonio de Padua  
Lhe teceria uma endeixa.

Tal em Clubin, que perneia,  
O polvo de Hugo se enlaça,  
Tal na bella, ideal de graça,  
A trança gentil se enleia.

Um gentil-homem de França,  
Aqui famoso dentista,  
Amou, com amor de artista,  
A dona da longa trança.

Que paixão, que sorte aziaga!  
Que terrivel desenlace!  
Como a dama o não amasse,  
Cravou no ventre uma adaga.

Inda agora o viandante  
Vê á porta do infeliz  
Um queixal já sem raiz,  
Insignia do louco amante.

Vêde-lhe a côma opulenta  
No desalinho gentil!  
A briza fresca d'abril  
Destrançou-a turbulenta.

---

## VI

## BALLADA

—  
A Ramalho Ortigão  
—

## I

Essa mulher, que em sonhos me tortura,  
Nas feiras de Stambul fôra sem preço!  
Que face bella na subtil moldura!  
Que labios sensuaes, que rir travêso!

¿ Que mão se aponta que em Sevilha rufe,  
Mais doce e linda, o sonoro adufe?



## II

A chamma ardente de seus olhos brandos,  
Fontes de mel ou de peçonha amára,  
Á clausura de monges venerandos,  
Mais que o demonio, tentações levára.

Contra os filtros subtís de uns olhos pretos  
Nem resiste o pavez dos amuletos.

## III

Mas no pé, arma branca de combate,  
Causa perenne do femineo arrufo,  
É que a gentil morena o luxo abate  
Ás glorias mais sublimes do pantufo.

¿Esse que o nega, sem medir a affronta,  
Que vinho encerra na cabeça tonta?

## IV

Um sapateiro illustre e cavalheiro,  
Ao tomar-lhe a medida da botinha,  
É voz que disse d'alma e verdadeiro:  
«Se eu for um dia rei, salvé, rainha!»

E que vendo perdida a ingenua phrase  
A propria fronte decepou da base!

## V

Pé flexivel, sem tímido capricho,  
Excedera o da célere Atalanta!  
Na China um mandarim dera o rabicho  
Por uma dama de tão breve planta.

¿Que selvagem de rábido colmilho  
Se detivera no chapim casquilho?

## VI

Contrario ao da Mulher que á serpe esmaga  
No globo azul a fronte de esmeralda,  
Ergue-se o amor em furiosa vaga  
Mal o divisa nos setins da fralda.

Mas, interrompa-se a epopeia lesta,  
Que já vacilla o fogaréu de Vesta!

---

## VII

VINGA-TE

---

A J. Frederico Laranjo

---

Não chores, linda creança:  
Brilhe em teus labios a aurora!  
A corça, que o chumbo alcança,  
Vae moribunda e não chora.

Desprendeu-se-te dos braços  
O teu preferido amante;  
E lá se vae nos espaços  
O passarinho inconstante!

---

Vae nas garras d'um milhafre,  
E nem ao menos se affronta!  
Dessem-te a vira d'um cafre,  
E a setta hervada na ponta!

Além, da viçosa enfiesta,  
Alegre desponta o dia,  
E nos ôlmos da floresta  
Já gorgeia a cotovia.

Contempla o vasto horisonte,  
E o azul da larga esphera!  
Vem dar a pallida fronte  
Aos beijos da primavera!

E vamos por esses prados,  
Por esses campos extensos,  
Como dous enamorados  
No mesmo enleio suspensos!

Não gostas de ver as danças  
Das alegres raparigas?  
Vão soltas no ar as tranças,  
Vão soltas no ar as ligas.

D'essa múrmura deveza,  
Vejamos o quadro lindo:  
Nem eu mais veja a tristeza  
Nesse teu olhar infindo!

Não chores, linda creança,  
Brilhe em teus labios a aurora!  
E se pensas na vingança...  
Que bonito é o campo agora!

---

VIII

SCENA CAMPESTRE

A Joaquim de Araujo

Que bella phantasia  
A d'um festim na aldeia!  
Bucolica epopeia  
De amor e de poesia!

Que breve passa o dia!  
Tu ris-te, Galathêa?  
Quem pompas vãs odeia  
Não quer outra alegria

Repouse agora a taça,  
E n'esta balsa escura,  
Que o ciume não devassa,

Gozemos a ventura  
Que é sonho bom que passa,  
Que é sonho emquanto dura!

---



## IX

## AMOR FUNESTO

---

A Simões Dias

---

Que triste vida não passa  
Aquella andaluza ardente!  
Ou morra em sombras o dia,  
Ou surja a aurora ridente,  
Anda a formosa menina,  
Aberto o peito aos desejos,

Como a somnambula tonta  
Que vae por montes e brejos;  
Ora em chammas encendida,  
Da viva côr das romãs;  
Ora fria e esmorecida,  
Como as esposas sem vida  
Das balladas allemãs.

Fitára os olhos ardentes  
De um vate de negras cômas,  
E prelibára as delicias,  
E presentira os aromas  
D'aquella flôr peregrina,  
Que nos êrmos da floresta  
Não abre o calix aos beijos  
Da borboleta immodesta.

Mas o poeta que seguia  
O caminho das esphas,  
Envolvido e arrebatado  
N'um torvelim de chimeras,  
Beijou-lhe a face divina,  
Libou-lhe um hausto na taça,  
E fugindo sorridente,  
Foi como a nuvem que passa!

E a mãe dos longos vestidos,  
Em funda melancolia,  
Procura rasgar a névoa  
D'aquella magua sombria:

—«Amor é bom nas intrigas  
Dos romances de poesia,  
Mas aí d'essas raparigas  
Que se levam, como necias,  
Das amorosas cantigas  
D'um auctor de taes facecias!

«Os homens, filha adorada,  
São verdadeiras serpentes:  
Têm a pelle encantadora,  
Mas venenosos os dentes.  
As fallas enamoradas,  
As juras de eterno amor,  
São n'elles sempre mentira,  
Como é mentido o pallor,  
Que nós julgâmos nascido  
D'aquelle profundo aneio  
Da paixão, que lhes causâmos  
Da febre que têm no seio.  
Aquelle aspecto abatido,

Aquellas grandes olheiras  
São filhas de orgias hórridas,  
São filhas das borracheiras.  
Mal apenas, minha filha,  
O sacristão apressado  
Apaga, de cana erguida,  
Os tocheiros do noivado,  
Ai logo n'elles o tédio  
Principia o curto assedio  
Em que expira o amor gelado!

«Não chores, linda creança:  
Uma capella de flores  
Depressa emmurchece e morre,  
Perdido o perfume e as côres;  
Mas se forem de oiro puro  
As boninas da grinalda,  
Conserva a eterna belleza  
Do topazio e da esmeralda.

«Ai só, louquinha, a riqueza  
Traz deleites verdadeiros:  
Passar a vida cercada  
De mancebos lisonjeiros;  
Ser invejada, nas salas

Arrastar bellos estofos;  
Passar a noite abafada  
Em leitos brandos e fôfos;  
Correr a galope as ruas  
Em cavallos africanos;  
Viver, emfim, esquecida  
Dos futuros desenganos;  
Eis a ventura na vida.»—

Mas embalde. Porque absôrta  
N'aquelle amor que a devora,  
Ou morra em sombras o dia,  
Ou surja a ridente aurora,  
Anda a formosa menina,  
Aberto o peito aos desejos,  
Como a somnambula tonta  
Que vae por montes e brejos;  
Ora, em chammas encendida,  
Da viva côr das romãs;  
Ora fria e esmorecida,  
Como as esposas sem vida  
Das balladas allemãs.

## X

## BRINDE SECRETO

---

(N'uma bôda)

---

Sou feliz! Teu espirito formoso  
Mostrou-me o abysmo de um amor profundo:  
Só quizeste acceitar a mão de esposo  
Do mais odiento dos rivaes do mundo!

A elle o jugo, que sonhou tão lindo,  
A elle a taça do prazer insulso!  
A mim o labio que mentiu sorrindo,  
Quando no templo lhe sorriu convulso!

## XI

## NUPCIAS

—  
A Augusto Sarmiento  
—

Senhora da loura trança  
E do olhar indefinido!  
Bem fundo vibraste a lança:  
Eis-me prostrado e vencido!

Eu era o fátuo Narciso,  
De si mesmo apaixonado:  
Nunca vira o teu sorriso,  
Nem teu gesto enamorado.

## XII

Á BEIRA-MAR

---

A Manuel Duarte de Almeida

---

Ai que tristeza, quando o sol desmaia  
Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,  
E a noite desce á merencória praia,  
E o lumbo chora nas longinquas fragas!

Como na arésta da campina ondeante  
A longa fila das gaivotas passa,  
Assim na frente d'um sombrio amante  
As scenas passam da ventura escassa.



Os risos conta da mulher perjura,  
Os longos beijos de sensual poesia;  
E sente os ascos da bebida impura,  
O sabor acre da nocturna orgia.

E vendo exhausta, nos vaivens da lucta,  
Das illusões a cornocopia vasta,  
Inveja a sorte da lagôsta bruta,  
Que alem nas rochas a existencia arrasta.

Medita e chora; e se a profundos tragos  
Bebeu na taça phantasias méstas,  
Vê sobre as ondas lubishomens vagos,  
Os thrênos ouve de canções funestas.

E vence-o a febre, o pesadelo enorme,  
A lava accesa d'um projecto louco,  
E nas areias solitario dorme  
Ao som distante do marulho rouco.

Ai que tristeza, quando o sol desmaia  
Ao longe, ao longe, nas cerúleas vagas,  
E a noite desce á merencória praia,  
E o lumbo chora nas longinquas fragas!

## XIII

TUDO ESCURECE

---

A Bernardino Machado

---

Ninguém te póde amar. A natureza  
Quiz ser ideal contigo e mãe profusa,  
E fez-te a deusa fria, a etherea musa  
Dos infindos poetastros da belleza.

Porém negou-te a sensual viveza,  
O salero gentil d'uma andaluza:  
Ora a taça do velho syracusa  
Não vale um copo de cerveja ingleza.

---

Filha da Escossia, e como a Escossia algente,  
Não tens das bellas das regiões do sul  
A graça feminil, e o amor ardente.

E comtudo, se acaso o loiro Bull  
Te leva, sinto alguem que de repente  
Subtil me põe uma luneta azul!

---

## XIV

## HONESTA!

—  
A Alberto Telles  
—

Foi rude, senhora, o choque,  
Foi segura a punhalada!  
Nem melhor vibrára o estoque  
Um assassino de estrada!

Aborrecera-lhe a farça  
Do casto amor das amantes,  
E partiu, de cõma esparsa,  
Na choréa das bacchantes!

Eu já presentira a sorte  
De uma vida sem bonança,  
E lia, cheio de morte,  
*O lasciate ogni speranza!*

Vira nas dobras da stringe  
Da vestal da etherea chamma  
A nodoa, que o vicio tinge  
Da côr impura da lama!

E nesse penar immenso  
Inda vivia nutante,  
Como o naufrago suspenso  
D'uma palha fluctuante!

Agora nem vejo os traços  
Do temporal desabrido:  
Sómente me fere a espaços  
O flebil som d'um gemido.

Foi como a visão das plagas,  
Que o mar desenha na espuma:  
A lucta de imagens vagas  
Que se dissolvem na bruma!

## XV

## LAGRYMAS DE CROCODILO

---

A Luiz de Andrade

---

Não chores, Maria: o pranto,  
Que turba teus olhos lindos,  
Vae roubar á terra o encanto  
Da visão dos céus infindos.

Poupa-me o resto da farça  
Dos teus fingidos amores:  
Nem tanto vale um comparsa  
Do côro dos trovadores.

---

Nessa fronte pensativa,  
Nessa pagina tão bella,  
Tens impressa a nódoa viva,  
Que teus instinctos revela.

És da raça dos abutres,  
E vendo a rôla que parte,  
Em teu animo só nutres  
O desejo de vingar-te.

Nem tens outro pensamento;  
E nesse empenho enlevada,  
Finges o chôro violento  
D'uma esposa abandonada.

Mas são debalde os esforços  
Que em teu desespêro abraças;  
Que não creio nos remorsos  
Das messalinas devassas.

Nem chores mais: esse pranto,  
Que turba teus olhos lindos,  
Vae roubar á terra o encanto  
Da visão dos céus infindos;

Sólta essas tranças ao vento:  
Nem por tão pouco entristeças  
Vê: lá passa o regimento,  
Um pachá de mil cabeças!

---



## XVI

## TEMPESTADES

---

A Anthero de Quental

---

Pelas humidas campinas  
Corre o outomno amarelento:  
O cerúleo espaço immenso  
Tolda-o o nimbo pardacento;  
E na frondífera parra,  
E no recôndito asylo,  
Já não descanta a cigarra,  
Já não trina o alegre grilo.

Os troncos negros dos quercos,  
Nús de folha e verdes copas,  
São como espectros sinistros,  
Involtos em negras ópas;  
E nas frestas das portadas,  
E nos áridos maninhos  
Uivam ríspidas lufadas.

Dias de túrbido aspecto!  
Como vós, nas sombras lucta  
Quem viu n'um bá Rathro infecto  
A flôr que amára impolluta.

Ha pouco o dia, a bonança,  
O azul da lúcida esphera;  
Agora a escura lembrança  
D'uma enganosa chimera;  
E nos páramos da aurora,  
Na longinqua soledade,  
A treva que sempra chora,  
A perpetua escuridade!

Triste de quem nos alvares  
Da primavera dos annos  
Sentiu no peito os agrôres  
Dos funestos desenganos!

Assim o bebedo passa  
Da beatitude á tristeza,  
Se poz aos labios a taça,  
Onde sonhára um falerno,  
E nos sôrvos da cachaça  
Hauriu as bôrras do inferno!

Triste de quem nos alvores  
Da primavera dos annos  
Sentiu no peito os agrôres  
Dos funestos desenganos!

Então n'esses paroxismos,  
A louca procella em furia,  
Ruindo pelos abysmos,  
Soluce a rouca lamuria  
Dos supremos cataclismos!

Que a tristeza se minora  
Nos embates da tormenta:  
Une a desgraça o que chora  
Ao que na dôr se lamenta!

## XVII

## ULTIMO ADEUS

---

A Eça de Queiroz

---

Não venho, senhora minha,  
Ao som d'um thrêno choroso,  
Lembrar-lhe a historia mesquinha  
D'um romance desditoso.

Foi-se o tempo das balladas,  
E os Romeus de nossos dias  
Não sabem das alvoradas,  
Nem da voz das cotovias.

---

O Mouro da tez adusta,  
Quebrado o punhal sangrento,  
Nem Desdémonas assusta,  
Nem sólta canções ao vento.

Que o deus das faces mimosas,  
A loira creança imberbe,  
Vive agora como as rosas  
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,  
E no banquete da vida,  
Deu-me a sorte um fel amargo  
N'uma taça corrompida.

E quando, triste e sereno,  
Me quiz erguer contra a sorte,  
Já tinha na alma o veneno,  
No sangue o germen da morte.

Mas, perdão! senhora minha:  
Eu não venho em tom choroso  
Lembrar-lhe a historia mesquinha  
D'um romance desditoso.

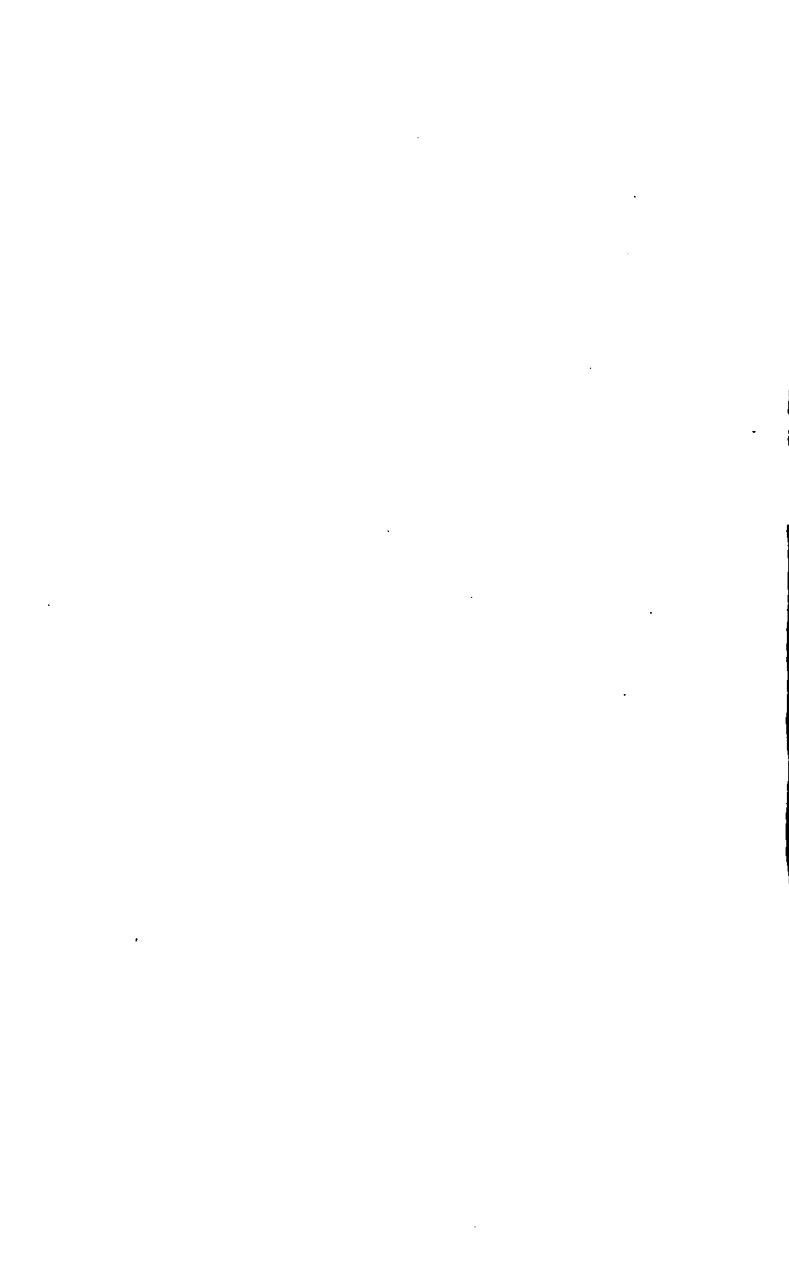
Venho, enxutas as pupillas,  
E confôrme as etiquetas,  
Depôr-lhe nas mãos tranquillias  
Este ramo de violetas.

Por um beijo, a uma andaluza  
O deu em paga um toireiro,  
E d'esta origem confusa  
Provém-lhe um fim agoireiro.

Que bello na trança linda!  
Que bem n'essa trança d'oiro!  
Mas, hade enfeitar ainda...  
As pontas curvas d'um toiro!

---

ONOFRE





I

---

Deitado sob um plátano frondoso,  
Da Arcadia n'um reconcavo ignorado,  
Todo coberto d'um tapiz relvoso,  
E de múrmuras copas ensombrado,  
Eu vou cantar de um vate portentoso  
A vida estranha, o memoravel fado,  
Esperando que n'esta erguida empreza  
Me suppra o estro a natural rudeza.

E tu, a mais formosa das camênas,  
Thalía, oh casta musa hoje esquecida,  
Que o vôo ergueste ás regiões serenas,  
E que lá te demoras foragida!  
Desce e inspira estas minhas cantilenas,  
Pois que a adorar-te vou passando a vida:  
Não te esquives ao teu enamorado,  
Dá-lhe um riso do labio nacarado.

Que sempre foste pura, corre fama,  
E por ella eu quebrára vinte lanças;  
Mas não perde a pureza, creio, a dama,  
Que deixa ver o pé nas leves danças;  
No leito cerre o cortinado á cama,  
Mas não esconda em véus as loiras tranças:  
Eu até julgo que pouco soffre o pejo,  
Se os labios não furtar a um casto beijo.

Portanto, não me negues o sorriso  
Que ha pouco te pedi, musa divina;  
Vê como corre múrmuro o Pamyso  
Por entre as verdes junças da campina;  
Zune a abelha nas folhas do cytiso,  
Exhala aromas a vernal bonina;  
Tudo convida a cantos graciosos  
Nos páramos aónios deleitosos.

Mas vou por estes sitios transviado,  
Perdi-me n'uma senda verdejante :  
Não é por ti, oh musa, que inspirado  
Deve ser o meu canto estrepitante ;  
É d'essa, tua irmã, que no tablado  
Põe a tragica scena horripilante,  
Que eu hoje imploro a inspiração ardente,  
Que ao pranto mova a illacrymavel gente.

Onofre, o meu heroe, viera ao mundo  
Marcado para insolitos destinos ;  
No âmago do cerebro profundo  
Ferviam-lhe éstos de Amphiões, de Linos.  
Os que o viam passar meditabundo,  
Fitos no vago os olhos sybillinos,  
Na postura ficavam de quem pasma  
Em face de noctivago phantasma.

Ás horas em que o môcho esvoaça em tórno  
De velhos torreões e cemiterios,  
Se o relampago, ao sopro do bochôrno,  
Illuminava os concavos aérios,  
Envolto n'um lençol, funéreo adôrno,  
E caminhando a passo de mysterios,  
Eil-o surdia, a furto, de uma esquina,  
E lá se ia nas trevas da neblina.

Outras vezes, na tasca, vinolento,  
Os versos que fizera recitava,  
Ficando desde logo somnolento  
Aquelle que a escutal-os se arriscava.  
Erguia nelles o suicidio lento  
A que o genio, bebendo, se entregava,  
E, citando Espronceda com Musset,  
Longas taças bebia d'agua-pé.

Onofre, como tantos, era filho  
Do cantor do *Corsario* e do *Manfrêdo*,  
E querendo-o seguir no mesmo trilho,  
Poemas dava á luz de triste enrêdo,  
Em que fazia ouvir, como estribilho,  
Os córos pavorosos do bruxêdo,  
Arripios causando e susto ás gentes,  
Que os escutavam a ranger os dentes.

A lua, diz um sabio meu vizinho,  
Traz influxos á terra nimio infestos:  
Faz correr na planicie o torvelinho,  
Arroja o mar á praia, accêso em éstos.  
Nas polpas cerebraes, bem como o vinho,  
Desarranjos produz e tão molestos,  
Que a subsistencia dos modernos vates  
Não maravilha mais que a dos orates.

---

Não metto á discussão tão largo thema,  
Que o meu sabio é sagaz na dialectica,  
Além d'isso, no entrecho d'um poema,  
Que tem por fim a commoção pathetica,  
Quem não seguir o classico systema,  
Fincando-se nas regras d'uma esthetica,  
Um trabalho produz na essencia lêrdo,  
E a fama alcança de versista esquerdo.

E é tão certo, que a musa auri-comada,  
Que descêra a inspirar-me estes cantares,  
Vendo o rumo que levo, eil-a amuada  
Que parte, e que se esvae no azul dos ares!  
Deixando-me na róta começada  
Entre recifes de ignorados mares,  
Aqui o ferro lanço, mal seguro,  
Que é facil naufragar sem palinuro.

---

II

---

Que tenebroso dia! a chuva em furia  
Estala nas vidraças gottejantes,  
O vento, em rouca e fúnebre lamúria,  
Passa, e lá vae aos pinheiraes distantes;  
A veia do remanso, hontem murmúrea,  
Muge e estende-se em vagas espumantes;  
Não deixa o rouxinol o plumeo ninho,  
Pedem velhos calor ao lume e ao vinho.

Adeus, portanto, oh bosques rumorosos,  
Das nove irmãs canoras frequentados!  
Confrangido entre muros salitrosos,  
E envólto em longos mantos estofados,  
Meus cantos soltarei, não sonorosos,  
Que não podem por vós ser inspirados:  
Não me acurva a tal ponto o meu lyrismo,  
Que por elle me exponha ao rheumatismo.

E sem mais digressões, sem mais recamos,  
Deixando sendas por mais ampla estrada,  
Deliciosa leitora, prosigamos  
No contexto da scena começada.  
Porém soffra, primeiro, que estes ramos,  
Que nos prados colhi de madrugada,  
Lh'os ponha no açafate dos bordados,  
Que assim o manda a lei dos namorados.

Tinha Onofre uma prima, a doce Amalia,  
Alma ethérea n'um corpo esculptural,  
Elegante e formosa como a dahlia  
Que ergue a corolla ao rócio matinal.  
Da brancura do marmore de Italia,  
Sem a luz de seus olhos de mortal,  
Pela estatua de um mestre passaria,  
Pela Venus da grega idolatria.

De reflexos doirados, a ampla côma  
Em cachos o semblante lhe adornava;  
Os seus olhos do azul do céu de Roma  
Occultavam no fundo ardente lava.  
Da bôca purpurina o suave aroma  
As fallas que dizia perfumava;  
E até no brando leito adormecida  
Sorria, em castos sonhos embebida.

Ora um pallido moço, que defronte  
Morava, e não sahia da janella,  
Inspirára (não sei como isto conte,  
Que é grande o quadro para exigua tela)  
Um puro e ardente amor á pomba insonte,  
Que o viu captivo dos encantos d'ella;  
E, sedentos, na mesma taça o gozo  
Ja prelibabam de um porvir ditoso.

Altas horas, Arthur, o doce amante,  
No jardim dos vizinhos penetrava  
Por escada, que ás grades do mirante  
Amalia com mão tremula amarrava.  
Que arrolhar de pombinhos anhelante!  
Que beijos prolongados não trocava,  
Tempo esquecido, o par enamorado,  
Só da lua serena contemplado!



Leitora, na ridente primavera,  
Quando á vida abre o calix a bonina,  
Quantas vezes nos bosques de Cythéra  
Não fez o mesmo que a gentil menina !  
Não olhe pois, com face tão severa,  
Os arroubos da candida heroína,  
Que no furor da natureza em lucta,  
Ficava Arthur vencido, ella impolluta.

Ora Onofre (é já tempo que da intriga  
Eu junte os laços e componha a trama)  
Vendo os heroes da narração antiga  
Fazer proezas por formosa dama,  
Para que exemplos de tal nome siga,  
E alcance de um Romeu a eterna fama,  
Decidiu no profundo do intellecto  
Votar á prima o arrebatado affecto.

Portanto, n'uma tarde, ás horas quando  
O sol afogueiado aos montes desce,  
E nas frondes se acolhe o alado bando,  
Deixado o greiro da espigada messe ;  
Aos pés de Amalia que, sorrindo brando,  
Um ramo de boninas colhe e tece,  
Cahindo de repente, em desalinho,  
«Amo-te !» brada, tresandando a vinho.

Tal como o passarinho colorido  
Ao ninho o vôo arranca apressurado,  
Ouvindo perto o grito conhecido  
Dos abutres de bico ensanguentado;  
Tal a pallida moça, apercebido  
O vate sobre a relva prosternado,  
A correr parte, desprendida a trança,  
E só, longe d'ali, pára e descansa.

Ergue-se o bardo, e, na postura antiga  
Do Laocoonte que a serpente enlaça,  
Arcado o peito na medonha briga,  
O labio roxo, a luz dos olhos baça,  
Tal berro sólta, que ao silencio obriga  
As rãs coaxantes da marmórea taça;  
E, qual rompe no campo um torvelim,  
Rapido foge do fatal jardim.

---

II

---

D'este copo de vinho generoso  
Dai-me que eu tire o alento que desejo,  
Para que o novo canto, sonoro,  
Desfira na guitarra em doce arpejo;  
E já que estou devéras amoroso,  
Aproveito apressado um tal ensejo  
Para erguer á leitora, que me escuta,  
Um brinde que me deixe a taça enxuta.

Tres dias cogitou, accêso em ira,  
Na traça de vingar-se o triste bardo,  
Ora convulso, qual judeu na pyra,  
Ora o quarto medindo a passo tardo.  
Assim, na taba esquálida o caipyra,  
Percusso o peito de inimigo dardo,  
Ora em cólera os membros desconjunta,  
Ora placido o golpe lava e unta.

Cançado, á quarta noite, de pensar,  
Movido por contrarios pensamentos,  
Como navio em procelloso mar  
Entre escarceus e enfurecidos ventos,  
Ás horas em que as sombras o luar  
Alonga nos desertos pavimentos,  
Pelas ruas se lança escandecido,  
Soltando a espaços guttural rugido.

Quiz o fado levar-lhe o passo errante  
Para os sitios da sua desventura,  
Ás horas em que Amalia, palpitante,  
Dava aos labios de Arthur a face pura.  
N'um marco, do jardim pouco distante,  
Onde um muro lançava a sombra escura,  
Foi postar-se por fim, quêdo e sombrio  
Como velho reptil no inverno frio.

De repente um murmúrio receoso  
De beijos e de vozes abafadas  
Fez surgir do lethargo doloroso  
O cantor das horrificas balladas,  
Que estendendo, espantado, o corpo ossoso  
Na direcção das fallas arroubadas,  
Na postura ficou do antigo esphyngé,  
Como na tela o desenhista o finge.

Até que vendo um homem que descia  
Por escada pendente na muralha,  
Assim como á carocha luzidia,  
De bico aberto, se arremessa a gralha;  
Ou tal como ao viajor na esconsa via  
O bandido, que puxa da navalha,  
Tal se arremessa ao brando Arthur, de chofre  
O desdenhado e furibundo Onofre.

E com voz que retumba nos recantos:  
« Tu foste polluir (diz insoffrido)  
Uma familia honrada, manes santos,  
Aquella a quem votei amor ardido.  
Abusaste dos intimos quebrantos  
De um peito casto, de paixões despido:  
Has de morder o pó, D. João Tenorio,  
Nem mais rirás do trovador simplorio!

«Ouve, pois: amanhã, á luz da lua,  
Quando nas torres meia-noite dér,  
Aqui nos bateremos n'esta rua,  
Cada qual com as armas que tiver.  
A minha vida acabe, ou pague a tua  
A honra d'essa lúbrica mulher,  
Ficando assim n'um bá Rathro sepulto  
O segredo do opprobrio e mais o insulto!»

E dizendo esta longa lenga-lenga,  
Que lêra n'um romance de Féval,  
Lá parte o vingador da solarenga,  
Erguida a frente, e o passo theatral.  
Ouvindo aquella falla bordalenga,  
Declamada em tom cavo e sepulchral,  
Ficou-se Arthur inerte e estupefacto,  
Deixando ir em socego o mentecapto.

Mas temendo que o lance inesperado  
Não sotterrassse Amalia no mirante,  
Precípite se lança, arrebatado,  
Pela escada, que pende vacillante.  
Tal como branca pomba, a quem varado  
O peito foi por caçador errante,  
Assim no mármore frio esmorecida  
Cahira a virgem, de terror vencida.

---

Mas em breve, com beijos fervorosos,  
Á vida a chama Arthur. — « Não temas, filha,  
(Diz animando-a) os impetos fogosos,  
As ameaças do poeta mancenilha.  
Não me peças com olhos lacrymosos  
Que falte ao prélio: esse pedido humilha.  
Quero que vejas, de um logar occulto,  
N'um lastimoso transe o bardo estulto.»

Ouvindo este dizer do lindo amante,  
Sorriu-se entristecida a desgraçada,  
Que deixava no livido semblante  
Ver a lucta em seu animo travada.  
Mas como já das partes do levante  
Alvorecesse a luz da madrugada,  
Como os amantes da tragedia ingleza,  
O adeus disseram de lethal tristeza.

---

## IV

—

Eis-me chegado ao transe lamentoso,  
Ao quadro mais sombrio deste conto.  
A leitora, num pranto doloroso,  
Mal chegará ao derradeiro ponto!  
Entanto ao Helicónio harmonioso  
Sobre o alígero Pégaso remonto,  
Seguindo a prisca usança, que a moderna  
A Pindos antepõe qualquer taberna.



Batêra n'um distante campanario  
Ha muito meia-noite, hora fatal  
Em que o vampiro, envolto no sudario,  
Deixa funesto o leito sepulchral,  
Quando á esquina do bêco solitario,  
Assomou, como em drama theatral,  
Um vulto assustador, que do negrume  
Despedia clarões, qual vagalume.

Era Onofre, eil-o ahi! Como na tela  
Pintar o bardo na armadura antiga  
Com que espantados, o rival e a bella,  
Surgir o viram, preparado á briga!  
Um êlmo sem viseira; uma rodella;  
Um velho corsolete; uma loriga;  
Escarcellas nas côxas; joelheiras;  
Umas grêvas de ferro ou caneleiras;

Na dextra, que a manopla enferruja da  
Recobre, afivelando-se ao braçal,  
Uma vetusta e carcomida espada,  
Nas dimensões á de Rolando equal:  
Acha d'armas, ás costas pendurada,  
E no sovaco um luzidor punhal,  
O exterior lhe davam, triste e ardêgo,  
De D. Quixote, o campeador manchego.

Offegante do riso, que a figura  
De Onofre lhe causára, o prélio enceta  
Arthur, que desde logo só procura  
Rir-se á custa do misero pateta.  
Esperava, na treva densa e escura,  
Quando o vate rompesse em linha recta,  
Falsear-lhe o impulso, e arremessando-o a terra,  
Dar fim, com pontapés, á scena e á guerra.

Mas a sorte fatal tinha ordenado  
Que da lucta fosse outro o seguimento;  
Na occasião, em que Arthur, fugindo ao lado,  
Dava principio ao resolvido intento,  
Onofre que, de braço retezado  
Tinha a espada estendida, pouco attento,  
Tropeça, e ao cahir o peito vara  
Ao misero, que perde a vida cara.

Aos gritos lancinantes da mesquinha,  
Da miseranda amante espavorida,  
Corre em tropel a guarnição vizinha,  
Hoste, na paz, feroz e destemida.  
O chefe, arranca o alfange da bainha,  
E sus! bradando aos seus, prende o homicida,  
Que o acompanha, em lethargica modôrta,  
Aos antros d'uma lôbrega masmorra.

Na tua dôr, Amalia, ai! poucos dias  
Sobreviveste áquelle que adoravas!  
Os labios, com que alegre lhe sorrias;  
Os olhos, com que os olhos, lhe inflammavas,  
Os cabellos de seda, em que prendias  
As rosas, que depois no adeus lhe davas,  
Em breve os recobriu a terra dura,  
Lyrio esfolhado em turva noite escura!

O vôo ergueste á região superna,  
Niobe em prantos nas desertas praias!  
Nos braços do consorte a paz eterna  
Gozas ditosa n'um jardim sem raias!  
Feliz! — Embora á geração moderna,  
Que adora o vicio e a sordidez nas saias,  
Vás provocar a gargalhada franca  
Que um amor puro do seu ventre arranca!

Na accusação do crime truculento  
Pôde fugir Onofre ao cadafalso,  
Graças á ideia e claro entendimento  
De um orador, faminto do percalço:  
Por mentecapto ao jury somnolento,  
E era verdade o que julgava falso,  
O fez passar n'uma oração profunda,  
Que o vate lhe escrevêra em lingua bunda.

N'um hospital de doudos clausurado,  
Os dias foi passando da existencia,  
Tendo sido por fim alevantado  
Rei supremo das turbas em demencia;  
Já velho, cheio de honras, laureado,  
Vencido por maléfica excrescencia,  
Pio, exhalou o derradeiro alento  
Nos abysmos do eterno firmamento.

Tal foi de Onofre o memoravel drama  
Que em frouxos versos estampeí na tela;  
A heroe tão grande, nome eterno e fama  
Dera um cantor de voz vibrante e bella.  
Se eu porém conseguir de certa dama,  
Em paga d'este conto, um riso d'ella,  
Contente ficarei, que por tal paga  
Petrarcha dera a lyra; o amor Gonzaga.

---

LYRA DE PANGLOSS



I

## A UM RENEGADO

---

(Guilherme de Azevedo)

---

Vate, que odeias as brizas!  
Não ceifes na seára alheia :  
Já que sofraldas a Idéa,  
Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso têm balizas:  
Tu na prosa és de mão cheia ;  
Explora portanto a veia  
D'essas coisas que nos guisas.

Deixa-me o velho Collares,  
E as brancas musas sem tosse,  
E o paio dos meus cantares;

Respeita-me a lyra e a posse  
D'estes assumptos vulgares:  
Respeito ao doutor Pangloss!

---



## II

## A UMA RABEQUISTA

Que bellas sensações, que brando aneio  
Produzes na platea enthusiasmada,  
Quando te mostras, do tablado em meio,  
Mulher, graciosa; e artista, sublimada!

Eu dera um litro do meu sangue azul,  
(Oh meus avós, não fulmineis o hereje!)  
Só por beijar-te, no chapim taful,  
O pequenino pé, que orchestras rege!

Mas se vibras a corda gemedôra  
Do violim, que um Apollo te afinára,  
Não amâmos a dama encantadora,  
Amâmos o talento, a artista rara.

Dá-nos um riso, mostra-nos a aurora ;  
Não somos os Romeus e tu a Julia :  
Somos o sapo vil, que absorto adora  
O sol que splende na amplidão cerúlea.

---

## III

## POBRE MONARCHA

---

A Theophilo Braga

---

Nos bons tempos da fé, das crenças pias,  
Tu que fôras ungido pelo Eterno,  
Em loucas bacchanaes, Cesar moderno,  
Feliz passavas da existencia os dias.

Hoje choras o tempo das orgias,  
E repelles a taça do falerno !  
É que ouves perto as legiões do inferno,  
Os sangrentos chacaes das monarchias.

E tremes ante a plebe outróra escrava,  
Ante essa arraia vil das classes nuas,  
Que ao mundo velho a sepultura cava!

Oh rei! n'um tórvo pélagó fluctuas...  
Que destino cruel! Bem te bastava  
O triste mal das hemorrhoidas tuas!

---

## IV

## A UMA LOIRA DE DEZ ANNOS

—

Que face peregrina !  
Que mimo e que frescura !  
Tu és a miniatura  
Da candida Rosina.

A deusa clandestina,  
A mãe da formusura,  
Não era assim tão pura,  
Quando era pequenina.

Serás absinthe ardente  
Nos labios da poesia,  
E lava incandescente!

Hoje, porém, Maria,  
Nos meus tu és somente...  
Um copo d'água fria.

---

## V

A AGUIA E O CORVO

---

O corvo é palrador, mórmente quando,  
Ebrio de sangue impuro e de immundicias,  
Digére com delicias  
O repasto nefando.

Um dia, que subira, a muito custo,  
A ramagem d'um plátano robusto,  
Que se baloiça ao vento,

Como a noite defende  
Teus dias contra dedos sem piedade,  
Não fujas, leve duende :  
Que em teus golpes, subtis por falsidade,  
Como os ciumes feres,  
Que picas e te vaes por onde queres.

Lá nessa zona adusta  
O selvagem respeita a formosura,  
(Que a formosura assusta);  
Mas tu, cruel, inexoravel, dura,  
Mais que turcas espadas  
Campos de aljôfar cólmas de granadas.

Oh ponto indivisivel  
Da gran circumferencia de teu dônô !  
Arador invisivel,  
Homicida frenetica do somno,  
Que, se te vês culpada,  
Vaes ganhando a fronteira desejada,

Que magestade acatas ?  
Que bella não assustas ? que clausura  
Que te não visse as patas ?  
Que solio, que modestia, que bravura  
Não assaltas, não manchas ?  
Julgam-te prêsa, e eis-te nas ensanchas !



Corrido, um elephante  
Á pulga disse: — « Oh grande natureza!  
Ha quem de mim se espante!  
De que me serve, dize, esta grandeza,  
Se durmo nas montanhas,  
E tu nas mais esplendidas bretanhas!

«Eu de herva me sustento,  
E tu de sangue humano, alegre vinho:  
Em terra, em mar, em vento  
Vive todo o animal, só tu no arminho,  
D'onde espreitas e notas  
Do orbe terrestre as coisas mais ignotas!»—

Teve o animal criterio,  
Pois nunca viu Colombo (comparando)  
Num e n'outro hemispherio;  
Inda mesmo que andasse navegando  
Na magna hydrographia,  
Que percorres com larga phantasia.

Se a penna, em breves traços,  
Te descreve a opulencia, — em nossos dias  
Que monarcha em seus paços  
Divaga em mais extensas galerias?  
Mas por justiça corres  
Extremos lugubres: torcida morres.

Proeza foi de Alcides  
As harpias frechar com mão valente ;  
    Tu, pulga, que resides  
No objecto do meu desejo ardente,  
    Não vás onde atrevida  
Te roubem frechas de jasmins a vida !

Porém, pimenta viva,  
Que surgiste das partes do Levante ;  
    Pertinaz fugitiva,  
Que tens a luz por belleguim constante ;  
    Vespa, que sem temores,  
Ociosa vagas entre o mel das flores ;

Que jocunda vingança  
O encontrar-te no roubo, e com transporte  
    Torcer-te a leve pança,  
Para que expires da aprazível morte  
    D'aquelles namorados  
Que expiram retorcidos e esgottados !

    Não andes sobre lizes  
Pondo em neve purissima lunares ;  
    Vê que pulga te dizes  
Porque sóhes acabar entre pulgares,  
    Muito embora algum dia  
Subjugasses de heroes a valentia !

Que nescio portentoso  
Das fabulas não foi, no tempo d'oiro,  
O deus libidinoso,  
Transformando-se em chuva, em cysne, em toiro,  
Pois se em ti se mudasse,  
Que lynces não burlara face a face!

Cecilia está zangada,  
Porque te fazes caçador sem medo  
Onde a caça é vedada :  
Livra-te, pulga, do punhal d'um dedo!  
Mas oxalá que eu fosse  
Quem se morrera em condição tão doce!

Pulga, a nós ambos falta  
A ti meu ser humano, a mim teu fado :  
Pica, repica, salta ;  
E se temes um fim desventurado,  
Troquemos neste ensejo :  
Eu serei pulga ; tu serás desejo.

---

## VIII

CANÇÃO DE BOHEMIOS

---

Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,  
Ouvi destas lyras o mélico emprêgo!  
Nós somos as gêmas, os bifés inglezes,  
Os paios das filhas do claro Mondêgo.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios  
Dos roixos falernos das parras da Beira;  
Sorri-nos a Céres dos tímidos seios;  
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

---

Nos méstos papyros da sciencia moderna  
A droga se encontra que ao somno convida;  
Queimêmol-os todos, que só na taberna  
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles  
Corramos no passo das gregas chorêas!  
Bachantes das praças, vibrae os cymbales!  
Abri-nos as portas, gentis Galathêas!

## IX

SCENA DE TABERNA

---

A Guimarães Fonseca

---

Vêde-os, além, no esconso, á luz mortiça  
Do velho lampadario que vacilla!  
No labio têm o insulto, e na pupilla  
O raio ardente que as paixões atia.

Vêde-os, que são rivaes! Fatal cubiça  
Violenta os arrancou á paz tranquilla,  
E no rude brigar, que os aniquila,  
Ja tingem de vermelho o chão e a liça!

---

—«Acima o cangirão!» — com voz accesa  
Diz o mais fero na tremenda lucta,  
«Acima!» — e pouso-o enxuto sobre a mesa.

Mas, vendo sossobrar a massa bruta  
Do insolente rival, dos vinhos prêsa,  
—«Venci! diz vomitando; é minha a truta!»

---

## X

CONSOLAÇÃO

---

A um poeta lyrico

---

Não succumbas assim. Á noite escura  
Succede a luz da aurora e o sol radioso:  
Suspende as magoas do violão choroso,  
O lamento dos tristes sem ventura.

Limpa as fezes do calix da amargura,  
E, com vinhos d'um pâmpano gostoso,  
Ergue um brinde ao amante venturoso  
Da mulher que adoravas com loucura.



Nem outra vez me digas que no mundo,  
Ou na voragem das perdidas gentes,  
Não ha soffrer maior, nem mais profundo.

A terra é o grande val dos descontentes!  
Oh! se tu visses n'um festim jocundo  
A magua d'um gastrónomo... sem dentes!

---

## XI

## O PHANTASMA

—  
A um doutor Pedro  
—

E vimos uma fôrma horrenda e bruta  
Surgir do lôdo vil com gesto iroso,  
Como outróra, no cabo Tormentoso,  
O velho Adamastor da barba hirsuta.

—«Quem és tu? eu lhe disse.—«Bardo, escuta,  
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)  
Eu sou no espaço infindo e luminoso  
O verbo ideal da estupidez corrupta.

---

«Na terra sou Penêdo; e o mar violento,  
O mar das sciencias vãs da humanidade,  
Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade  
O cantico d'um tremulo jumento:  
—Era o preto da terra á Immensidade!

---

## XII

## A ALMA E O CORPO

---

A Gonçalves Crespo

---

Aquelle meu espirito opulento,  
Que vivia na luz dos sonhos bellos,  
Jaz ha muito nas ruinas dos castellos,  
Que no ar edifica o pensamento.

Inda me lembro do fatal momento  
D'esse morrer dos ultimos anhelos:  
O côro soluçante dos Othellos  
Na sombra erguia o merencorio accento.

---

Hoje, resta-me o corpo. O triste lance  
Nem pôde destruir-lhe a mocidade,  
Nem curval-o a preceitos de romance;

E caminha em tão doce obesidade;  
Que dentro em pouco me verei no transe  
De tomar ordens e fazer-me abbade.

---



## INDICE

---

### VINHO E FEL

I—Um rosto encantador, quasi moreno.....	3
II—«Oh deus fatal, que lá dos céus profundos ..	5
III—Quando ha pouco, entre sarças escondido..	7
IV—Mal póde phantasiar-te a mente accesa ....	9
V—És minha, és minha, oh venturoso fado.....	11
VI—Oh ventura perdida, mal sonhada.....	13
VII—Hontem, de noite, já depois que a lua....	15
VIII—Perdi toda a esperanza de no mundo....	17
IX—Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas...	19
X—N'esta vida fatal, ai de quem pensa.....	21
XI—Que seria de mim, n'esta anciedade.....	23
XII—Não chores mais, honesta Messalina .....	25

XIII—Nunca do amor a resplendente chamma . .	27
XIV—Não me provoques mais. Esta brandura . .	29
XV—Eis-me livre, qual ave nos espaços . . . . .	31
XVI—Foi-se o pallido inverno. O torvelinho . .	33
XVII—Hontem, no baile, por fatal desgraça . . .	35
XVIII—Não te parece esta existencia clara . . .	37
XIX—Feliz canario! os beijos que a vizinha . . .	39
XX—De um monge na cogúla disfarçado . . . . .	41
XXI—Aquella Roza branca, a flôr mais viva . . .	43
XXII—Sob o influxo da negra phantasia . . . . .	45
XXIII—A doce paz tranquilla e a segurança . . .	47
XXIV—Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga . . .	49
XXV—O phantasma da minha desventura . . . . .	51
XXVI—Não chores. Essa mórbida tristeza . . . . .	53
XXVII—Ia o sol desmaiando no occidente . . . . .	55
XXVIII—Não me illudem, mulher, o fingimento	57
XXIX—Que formosura esplendida! O propheta	59
XXX—Mulher, vejo-te nua, embora escondas . . .	61
XXXI—Mais um anno que finda! E nem ao menos	63
XXXII—És da raça dos Borgias. O amavio . . . . .	65
XXXIII—Partiu! e nem sequer uma lembrança	67
XXXIV—Da primavera a luz vivificante . . . . .	69

### VIOLÃO NOCTURNO

I—Recordações . . . . .	73
II—Rivaes . . . . .	76



---

III—Conchita.....	97
IV—A Camena.....	81
V—Rimance.....	83
VI—Ballada.....	86
VII—Vinga-te.....	90
VIII—Scena campestre.....	93
IX—Amor funesto.....	95
X—Brinde secreto.....	100
XI—Nupcias.....	101
XII—Á beira-mar.....	104
XIII—Tudo escurece.....	106
XIV—Honestas.....	108
XV—Lagrymas de crocodilo.....	110
XVI—Tempestades.....	113
XVII—Ultimo adeus.....	116

## ONOFRE

I.....	121
II.....	126
III.....	131
IV.....	136

## LYRA DE PANGLOSS

I—A um renegado.....	143
II—A uma rabequista.....	145

---

III—Pobre monarcha .....	147
IV—A uma loira de dez annos.....	149
V—A aguia e o corvo.....	151
VI—Vão-se os deuses .....	153
VII—Antiqualha de Lope de Vega.....	155
VIII—Canção de bohemios .....	160
IX—Scena de taberna .....	162
X—Consolação.....	164
XI—O phantasma.....	166
XII—A alma e o corpo.....	168

A.  
vere.



**RETURN TO** **CIRCULATION DEPARTMENT**  
202 Main Library

LOAN PERIOD 1	2	3
<b>HOME USE</b>		
4	5	6

**ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS**

Renewals and Recharges may be made 4 days prior to the due date.

Books may be Renewed by calling 642-3405.

**DUE AS STAMPED BELOW**


UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BER  
BERKELEY, CA 94720

U.C. BERKELEY LIBRARIES



C003253845

YB 52121

765513

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

